

convivem, o lugar onde moram e coisas interessantes que fazem. Essa seqüência tem denominações diferentes conforme o autor, alguns agregando desenhos do bairro e outros até autógrafo de seu nome. É quase impossível descrever a quantidade, heterogeneidade e riqueza dos depoimentos escritos. No mínimo podemos afirmar: a vida se produz com muita energia junto àqueles que pensamos subordinados nas rotinas da luta material pela sobrevivência, na dita domesticação dos *videogames*, dos programas de TV etc. As trocas de correspondências revelaram um mundo que dificilmente outro método conseguiria produzir pois foram originadas por uma forma de “confidência”, de trocas, entre os próprios alunos, em faixas etárias semelhantes.

Há, nas seguintes partes do livro, um processo de síntese sobre os textos a partir da colaboração de professoras da área de matemática que ajudaram na construção de tabelas e gráficos a respeito das informações sobre a origem dos nomes; cidade onde nasceram; o que mais e o que menos gostam do lugar onde vivem. Logo após são apresentadas fotos e comentários sobre encontros e passeios entre as duas turmas e dois capítulos assim intitulados: “O que nós aprendemos sobre nós lendo o que escrevemos” e “O que nós aprendemos sobre o pessoal do Gilberto e do Marcílio¹ lendo o que eles escreveram”.

Olhando em perspectiva, se poderia lembrar de propostas outras com o mesmo objetivo de poder produzir espaços de alegria e vida digna em nossas escolas públicas, especialmente naquelas situadas em periferias urbanas. A alegria do encontro, ou como o poema de Drummond é precedido, “As turmas, o meio, o encontro”, está presente

em cada história contada, lida, relida, individual e coletivamente por alunos em tempos de sonhos e de construção de suas identidades, individuais e coletivas.

Finalizo sugerindo ao leitor realizar a sua viagem de aproximação com os textos produzidos e, criativamente, relacionando-os com sua própria bagagem de formação teórica ou profissional. Assim, imagino reflexões criativas de origem na área de letras, da psicologia, da sociologia, da didática... quem sabe novos textos surgirão numa interlocução com essas duas professoras e, dependendo, até entre alunos desses novos leitores com os alunos daquelas escolas que originaram este precioso livro.

Nilton Bueno Fischer

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Notas

¹ São capítulos diferentes, um para cada escola e estas são nomeadas pelo masculino, de acordo com seu nome, e não precedido pelo feminino “escola”. Além de textos de Caetano Veloso, citado no início do livro, ao final o leitor é apresentado pelo poema de Carlos Drummond de Andrade, *Estréia literária*, que se encaixa perfeitamente no projeto desenvolvido tão bonitamente por essas duas professoras.

CUNHA, Maria Izabel, LEITE, Denise B. Cavalheiro. *Decisões pedagógicas e estruturas de poder na universidade*. Campinas: Papirus, 1996. 95 p.

Esse livro é produto de uma pesquisa iniciada em 1991 e

realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Denominada inicialmente “Para a revitalização do ensinar e do aprender na universidade”, buscava novos fundamentos para as ações de intervenção e mudanças no ensino superior, visando a sua melhoria.

O primeiro avanço que essa obra traz é o fato de sua produção ser partilhada e interinstitucional. Atualmente, a regra nas universidades é a produção individualizada, institucional e pessoalmente. Não é raro as pesquisas serem ignoradas até pelos pesquisadores dos próprios departamentos em que estão vinculadas, resultando, muitas vezes, em pesquisas paralelas com esforços duplicados, pois não há intercâmbio de informações e dos dados alcançados. Maria Izabel Cunha, da UFPEL, e Denise Leite, da UFRGS, com o auxílio de outros professores e alunos bolsistas de iniciação científica, conseguem não só superar essa forma fragmentada da produção do conhecimento na universidade, como também, por meio do trabalho interinstitucional, superar barreiras físicas, técnicas, geográficas e corporativas.

Para a busca dos novos fundamentos, as autoras procuram analisar a universidade contextualizando-a historicamente e socialmente. Partem do princípio de que “as crises do ensino e da aprendizagem na graduação são crises do conhecimento socialmente distribuído pelos currículos e os diferentes contextos influenciam as práticas pedagógicas”.

A metodologia utilizada procura confrontar a ação do professor com a ação do pesquisador, a teoria com a prática. Os dados foram coletados a partir de três instrumentos: questionário

para professores, questionário para alunos e entrevistas semi-estruturadas com discentes e docentes. O levantamento dos dados foi realizado em três cursos da UFRGS e três cursos da UFPel.

Como marco teórico para a construção da pesquisa, para a reflexão e para a interpretação dos dados, as autoras se apóiam, basicamente, em Basil Bernstein, Pierre Bourdieu e Mariano Enguita.

Com esse referencial, formulam quatro alternativas, que sintetizam as interrogações da obra:

Alternativa 1 - A qualidade pedagógica de cursos que formam profissionais liberais caracteriza-se por ser mais voltada à reprodução do conhecimento do que à sua produção, mais voltada à resistência do que à antecipação ou criatividade na forma de transmissão do conhecimento, portanto menos inovadora.

Alternativa 2 - A aprendizagem decorrente do ensino nos cursos que formam profissionais liberais se assentaria, predominantemente, na memorização e na dissociação entre a teoria e a prática.

Alternativa 3 - A qualidade pedagógica de cursos que formam para semiprofissões caracteriza-se por ser mais voltada à produção do que à reprodução do conhecimento, mais voltada à antecipação e criatividade na forma de transmissão do conhecimento, portanto, mais inovadoras.

Alternativa 4 - A aprendizagem decorrente do ensino em cursos que formam semi-profissionais se assentaria predominantemente na busca de significado e na dissociação entre discurso e prática.

Baseadas em Enguita, delimitam o universo da pesquisa à medicina e à odontologia, como

cursos que formam profissionais liberais, à física e à engenharia agrícola, como cursos que formam profissionais, e à pedagogia nas duas universidades, como curso que forma semiprofissionais.

Para Enguita, profissionais liberais são aqueles que exercem o trabalho de forma livre, com retribuição por meio de honorários, com *status* profissional alto, sendo formados em cursos de alta demanda nos vestibulares, com altos escores e alta seletividade.

Os profissionais são assalariados cujo estatuto ocupacional envolve competência reconhecida e saber altamente especializado, com *status* profissional médio, sendo formados em cursos de demanda média nos vestibulares, com escores médios e seletividade alta. Em geral são carreiras que preparam para a pesquisa e a docência universitária, com um mercado muito restrito.

Os semiprofissionais são assalariados, na sua maioria do serviço público, em luta permanente pela melhoria do *status* e dos rendimentos. São formados em cursos com vestibulares com demanda baixa, com escores baixos e seletividade baixa.

A partir dessa categorização, a pesquisa demonstra que cursos universitários que formam distintas carreiras profissionais apresentam diferentes decisões curriculares. Tais decisões são influenciadas pelo mercado de trabalho, pelo campo econômico e poder da profissão nesse campo e na sociedade em geral, e por pedagogias visíveis e invisíveis que geram vozes próprias às diferentes práticas.

A idéia de que a pesquisa é, antes de tudo, processo, impulsionou a apresentação dos dados em diversas reuniões, seminários e congressos de educação, mesmo

antes da publicação da obra, com um retorno, segundo as autoras, sempre positivo e estimulante.

As principais conclusões e encaminhamentos da pesquisa estão no capítulo "Para revitalizar o ensinar e o aprender na universidade": as autoras fazem a ressalva de que revitalizar o ensinar e o aprender deveria ser muito mais que objeto de estudo de um projeto específico. Deveria ser uma preocupação constante de cada curso, de cada professor e estudante que deseja produzir o saber científico, como conhecimento válido para a construção de uma sociedade melhor.

Outra contribuição do estudo é permitir a compreensão de que é inútil pensar o processo de produção e disseminação do conhecimento na universidade como um processo monolítico. Pensar uma pedagogia universitária baseada numa mesma lógica é razão suficiente para impedir mudanças. Aqui o estudo salienta que a afirmação está construída sobre o perfil dominante dos cursos, podendo haver ilhas, no interior de cada um deles, que correspondam à lógica de outros.

De acordo com os resultados, as profissões liberais têm uma forma de valorizar e delinear os processos de ensinar e aprender diferente daquela presente nas profissões e, ainda, desigual do que é vivido nas semiprofissões. Os dados levantados e a interpretação dos mesmos, apoiada pelo referencial teórico utilizado, confirmam as alternativas inicialmente postas para a pesquisa.

A obra possibilita a compreensão do ensino superior e a sua contextualização nas estruturas mais amplas de poder da sociedade. Os problemas da prática pedagógica não estão circunscritos a ela e sim ao correspondente campo epistemológico em que se insere a

profissão, que, por sua vez, está diretamente definido e controlado pelo modo de produção presente na divisão social do trabalho na sociedade.

Pensar intervenções sobre a estrutura do conhecimento educacional — currículo, pedagogia e avaliação — que busquem a melhoria da qualidade do ensino superior, após a pesquisa de Maria Izabel Cunha e Denise Leite e sua publicação, impõe a todos os pesquisadores e educadores um novo olhar sobre os dados ali produzidos. É, com certeza, uma boa fonte bibliográfica, para revitalizar o ensinar e o aprender na graduação.

Valdo José Cavalet

Universidade Federal do Paraná